



INOCENCIA PERDIDA

5

 Brasília,
QUARTA-FEIRA, 22 DE NOVEMBRO DE 2006

 CORREIO
BRAZILIENSE

REBELDE SEM CASA

EM FOZ DO IGUAÇU, CRIANÇAS FAZEM PROGRAMAS NAS RUAS PARA SOBREVIVER. MAS HÁ QUEM ENFRETE CONSTRANGIMENTOS, COMO UM GAROTO, POR CAUSA DA OPÇÃO SEXUAL

Cadu Gomes/CB



LUCAS, 14 ANOS: "GANHAR DINHEIRO E FICAR NA RUA ATÉ TARDE CONVERSANDO SÃO COISAS ÓTIMAS, MAS FAZER PROGRAMA É RUIM"


SUL

IDH da região: 0,771

Dos 1.159 municípios, 161 estão na Matriz Intersetorial de Enfrentamento da Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes, elaborada pela Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência

Em 83% dos municípios, há denúncias de prostituição de crianças e adolescentes

PARANÁ

IDH do estado: 0,771

Dos 339 municípios, 55 estão na matriz

Em 43 cidades, há casos de prostituição de crianças e adolescentes. Denúncias de tráfico de adolescentes foram registradas em quatro municípios. Em outros quatro, há ocorrência de pornografia de crianças e adolescentes

FOZ DO IGUAÇU

IDH do município: 0,788
Cidade está em 41º lugar no estado, entre 399 cidades, 438º na região e 838º no ranking nacional

A cidade da fronteira brasileira com Paraguai e Argentina convive com denúncias de tráfico de adolescentes, prostituição e pornografia envolvendo crianças e adolescentes

Os alunos do ensino básico são mais velhos do que o recomendado. A evasão escolar também está acima da média estadual. O município tem 109 escolas do ensino fundamental e 33 de ensino médio

Foz do Iguaçu (PR) — Lucas tem muito mais história de vida do que a maioria dos adultos que o cercam. O porte e as ambições que habitam a cabeça do garoto de 14 anos escondem mágoas e dúvidas quanto ao futuro. Nos últimos quatro anos, Lucas passou por todo tipo de provação. Foi abusado dentro de casa por um familiar que não aceitava sua sexualidade. Fugiu. Para sobreviver, passou a fazer programas nas ruas de Foz do Iguaçu. As redondezas da Avenida Costa e Silva, onde ficam vários motéis da cidade brasileira da Tríplice Fronteira, passaram a ser a casa do jovem. Em algumas vezes, apesar de não gostar muito, ele se vestiu de mulher.

“Ganhar dinheiro e ficar na rua até tarde conversando são coisas ótimas, mas fazer programa é ruim”, resume. Apesar disso, nos últimos quatro anos ele nunca conseguiu abandonar definitivamente a situação de explorado. Parte é porque ele não se sente realmente compreendido em nenhum outro lugar que não seja a rua. Mas também tem vontade de comprar suas coisas. “Tem vez que eu recebo R\$ 100 e aí compro muitas coisas para mim e para minhas amigas da rua, além de gastar com vinho tinto”, relata.

No dia em que conversou com a reportagem do *Correio*, Lucas estava de boné vermelho e cinto colorido. As duas peças, inspiradas em *Rebeldes*, a novela mexicana que é febre entre crianças e adolescentes brasileiros. “Sou muito vaidoso e gosto de ter roupas boas. E não essa história de ganhar roupa usada dos outros como eles dão nos abrigos”, avisa.

Lucas saiu da escola quando estava na 3ª série. Hoje, morando em uma casa-abrigo sustentada pela organização não-governamental Fundação Nosso Lar, ele faz mais uma tentativa de retomar a vida de menino. Não é fácil. Os professores não têm paciência para o espírito questionador e, às vezes, agressivo do garoto. Julgam as atitudes de Lucas a cada instante e preferem mandá-lo para a sala do diretor à primeira provocação. Como se a culpa fosse dele.

O caso de Lucas deixa a impressão de que, para o sistema educacional, é mais cômodo manter longe as vítimas de exploração, como se a ausência desses meninos e meninas na sala de aula representasse a ausência de problemas. “A escola só gosta de meninos bonzinhos. Não quer saber de problema”, revela a responsável pela Fundação Nosso Lar, Ivânia Ferronato. “Tem dia que a escola me liga para reclamar que o Lucas está sem lápis ou borracha. E daí? Isso realmente é motivo para constranger o guri?”

Resistência

De acordo com Ferronato, responsável por 10 casas-abrigo com cerca de oito crianças e adolescentes cada, o processo de ressocialização sofre com a falta de preparo das escolas. “Apesar de trabalhar há 25 anos, ainda não conseguimos trazer a maioria dos educadores para perto de nós. Estamos longe da parceria”, conclui.

Lucas é vítima da principal forma de exploração em Foz do Iguaçu. Que é direta e, raramente, tem intermediários. “As exploradas acabam virando aliciadoras de meninas mais novas, da família, da rua ou da escola”, explica Ednéia Cassiana Riquelme, coordenadora do Conselho Tutelar de Foz do Iguaçu. Sua avaliação é fruto da experiência de campo. “Não há um estudo mostrando a cara da violência sexual aqui, mas convivemos com o que há de pior da fronteira: violência e desemprego, além do tráfico de armas e drogas. Precisa mais?”, provoca.

Na Matriz Intersetorial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, a cidade aparece com notificação de tráfico de adolescentes, prostituição e pornografia. Com 300 mil habitantes e Índice de Desenvolvimento Urbano (IDH) maior que as médias nacional e estadual, a cidade sofre com o baixo desempenho escolar. Os índices de abandono e distorção idade-série são mais altos que a média do Paraná, desde a 1ª série até o 3º ano médio.

A principal queixa dos integrantes da rede de enfrentamento da exploração sexual é a baixa participação da prefeitura. “Argumentando que havia a ação do governo federal por meio do Sentinela, os políticos locais não assumiram a contrapartida”, reclama Ednéia. Durante três anos, enquanto durou um convênio com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), os recursos locais não fizeram falta. Mas, desde o ano passado, com o fim da parceria, o dinheiro começou a faltar. O atendimento das meninas deixou de ser quinzenal.

“Agora elas têm que vir até aqui. Não temos mais passe de ônibus e algumas simplesmente desapareceram”, comenta Roseli Schuster, coordenadora do Centro Referência da Assistência Social, antigo Sentinela. Atualmente, o centro tem 192 meninas notificadas no programa. “A demanda é muito maior porque as denúncias são baixas. Ocorre que se todo mundo começar a denunciar, não teremos como atender todos os casos.” O atendimento às famílias também foi prejudicado. “É muito menos eficiente trabalhar com apenas com as exploradas”. (Erika Klingl)

“SE TODO MUNDO COMEÇAR A DENUNCIAR, NÃO TEREMOS COMO ATENDER TODOS OS CASOS”

ROSELI SCHUSTER, COORDENADORA DO CREAS

FALTA DE RESPEITO

Toda vez que um diretor de escola telefona para o Conselho Tutelar de Foz do Iguaçu, Ednéia Cassiana Riquelme se prepara para ouvir reclamação sobre as meninas e meninos que os conselheiros tiraram da situação de explorada. “É só um aluno assistir duas ou três aulas de disciplinas diferentes e já nos telefonam dizendo que a nossa menina deu problema. Nossa? Ela não é do conselho tutelar ou de qualquer outra instituição. É uma cidadã, pelo amor de Deus”, revolta-se.

Raíssa foi uma das vítimas do telefonema constrangedor. “Eu não podia olhar para o lado que me ameaçavam com o conselho tutelar ou com uma suspensão. Um dia me cansei e não fui mais”, conta. Essa não foi a única experiência ruim da menina. Mesmo com uma decisão do juiz garantindo vaga na escola próxima de casa, a direção se recusou a aceitar a menina de 15 anos. Raíssa foi explorada nas ruas de Foz do Iguaçu por dois anos. Por isso, teve que se contentar com outra escola.

Depois de um mês gastando dinheiro da passagem para se sentir perseguida pelos professores, abandonou a sala de aula outra vez. “A gente insere uma criança ou adolescente na escola e sabe que ela será violentada pela falta de respeito e pela humilhação”, lamenta Ednéia. (EK)

“Tem vez que eu recebo R\$ 100 e aí compro muitas coisas para mim e para minhas amigas da rua, além de gastar com vinho tinto”

LUCAS, 14 ANOS

RUFIANISMO

Tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça Artigo 230 do Código Penal

VÍTIMA

Qualquer pessoa

PENA PREVISTA

2 a 8 anos de reclusão e multa, se houver lucro